

Sucesso passou por “fechar antes da onda”

No Centro de Saúde do Bom Jesus há uma equipa que está a trabalhar desde Janeiro na Covid-19. Maurício Melim, o responsável, diz que até agora o desempenho da Região tem sido excelente, mas alerta: há um longo caminho a percorrer

ANA LUÍSA CORREIA
acorreia@dnoticias.pt

Quem passa à porta do Centro de Saúde do Bom Jesus não faz a mínima ideia que ali se ‘esconde’ a máquina de vigilância e acompanhamento da situação da Covid-19 na Região. Maurício Melim, único médico especialista em Saúde Pública da Região e delegado de Saúde do concelho do Funchal faz-nos a visita guiada pelas alas do segundo e terceiro andar do centro de saúde, dois espaços renovados recentemente e que agora são ocupados por médicos, médicos internos, enfermeiros e administrativos que compõem a Unidade Operativa de apoio à Autoridade de Saúde do concelho do Funchal.

São muitos, alguns a trabalhar por equipas, e durante largas horas. Desde o princípio de Março, sobretudo. Não tiveram direito a folgas nem a feriados e muitos perderam a conta das horas ali passadas.

Maurício Melim vai mostrando os cantos à casa e dando nome aos rostos que surgem, à medida que nos vão explicando o que acontece ali e por aquelas várias salas onde passa toda a informação sobre a Covid-19. Todas as normas emanadas pelas autoridades de saúde internacionais e nacionais, também do Governo da República e Governo Regional e o que sai na Comunicação Social, é visto e tratado. São controladas todas as entradas na Região, não só dos passageiros de aviões, mas também quem chega de barco. “Controlamos tudo aqui. Não entra ninguém na Região sem

que nós saibamos”, diz. O mail institucional da Unidade Operativa de Saúde Pública, ao qual recorrem as pessoas que querem viajar, veio dar uma ajuda para também perceber quem vai chegar e em que condições de saúde.

Também ali é feita a vigilância de quem chega, através da linha da saúde e não só. “É preciso saber quem vai para os hotéis para, depois de cumprido o período de confinamento, pedir os testes”, explica a enfermeira Paula.

Aos elementos do grupo compete assim acompanhar as pessoas em vigilância activa e passiva, actualizar os dados em termos da vigilância epidemiológica, actualizar as listas da PSP para o controlo do confinamento obrigatório e fazer as estatísticas que são enviadas para as conferências de imprensa ou boletins diários. Ali tratam-se das juntas médicas, de responder a chamadas telefónicas de pessoas que querem esclarecimentos sobre o regresso à Região, de fazer requisições para testes de despiste que enviam para madeirenses no continente, de organizar a realização de testes por exemplo nos lares de idosos ou como acontece no bairro da Nova Cidade em Câmara de Lobos e fazer a respectiva notificação no SINAVE (sistema nacional de vigilância epidemiológica onde deve ser incluída toda esta informação). Agora com o arranque dos testes serológicos, estão a ser feitos os contactos com os doentes recuperados, um trabalho que compete aos médicos internos em Medicina Geral e Familiar que fazem parte desta equipa.

O trabalho preparatório começou em Janeiro. Maurício Melim tem presente outros surtos. De meningite, de Gripe A, de Dengue. “Prepararam-nos para isto”, diz. A visão estratégica ajudou a uma preparação atempada e quando a pandemia foi decretada pela OMS, as equipas já estavam prontas.

No início começou a trabalhar com dois médicos (António José Serrão e Inna Subotina) e quatro enfermeiras especialistas em saúde comunitária, a que depois se juntaram uma equipa de psicólogos, técnicos de saúde ambiente, internos de medicina geral e familiar. “Estávamos a trabalhar com planos de contingência, a dar formação... Depois, a esta equipa, ao Grupo de Coordenação Executiva da Autoridade de Saúde do Funchal, associamos as equipas da rede de autoridades concelhias por forma a assegurar uma resposta adequada”. Estas equipas têm uma base constituída por um delegado de saúde, um adjunto e pelo menos um enfermeiro por concelho.

Agora, diz-nos estão a tentar montar uma espécie de task force, uma unidade para estar sempre a monitorizar a saúde pública e para em situações como a que estamos a viver actualmente poder avançar logo. “Em qualquer crise de saúde pública”, explica, até porque, “cada vez mais estes fenómenos vão ser frequentes”.

Trabalho de sucesso com alguns momentos de stress

Para já, o balanço realizado destes últimos meses está à vista, nos da-

dos compilados em enormes tabelas de excel onde tudo está registado: nome, idade, residência, quando começaram os sintomas, se viajaram, qual o lugar do avião, os contactos.... “Tudo está nas tabelas”, que se podem dividir depois por concelhos, por testes realizados, entre outras variáveis.

Dentro dos concelhos, a situação de Câmara de Lobos foi mesmo a mais complicada. Não só pelo número de casos, mas pelo contexto.

“Todas as pessoas da Nova Cidade que foram testadas”. 790 pessoas, revelam as tabelas. O processo não foi fácil. “Detectamos a situação numa determinada pessoa, fizemos todos os contactos e apanhamos todos de seguida. Mas depois tivemos de ir para os apartamentos”, conta Maurício Melim. A autoridade de saúde recebeu da Investimentos Habitacionais da Madeira as listas de moradores, mas quando começaram a fazer os primeiros contactos, perceberam, que em muitos casos não correspondiam à verdade. Algumas pessoas que estavam na lista, tinham emigrado e no seu lugar estavam outras, “e às vezes estávamos à espera de encontrar um agregado com 4 pessoas e tínhamos 10, 12, 14... Ninguém sabia quem estava lá dentro e nós não podíamos requisitar análises sem saber a identificação certa”, explica. “Tivemos de fazer esse trabalho todo”.

Houve outros momentos desafiantes ao longo dos últimos meses. Os primeiros casos suspeitos, as primeiras confirmações, o acompanhar de perto, muito perto, todos os doentes, sabendo os nomes, conhecendo-lhes as maleitas, as dificuldades, as angústias, estar sempre prontos a responder dúvidas e amainar medos, mantendo sempre uma postura de confiança e colaboração com a PSP, a Polícia Marítima e a GNR, mas também com o SESARAM, com a Protecção Civil, as autarquias e o Governo, num processo acompanhado pelo Grupo de Coordenação Executiva Covid-19 RAM (Herberto Jesus e Bruna Gouveia - IASAÚDE, Maurício Melim, Margarida Câmara e Ana Paula Reis - SESARAM). O trabalho compensou. Neste momento, na Madeira e no Porto Santo, Maurício Melim acredita que, a haver mais casos positivos, serão muito poucos. “Na altura em que nós esta-

mos, a nossa preocupação é simples: os vírus virão do exterior porque cá dentro temos isto controlado, porque o Governo Regional fechou as fronteiras [portos e aeroportos] numa altura ótima, fechou antes da onda. O grande sucesso foi esse: a decisão de ter fechado”. Agora, diz, “temos de estar atentos e preocupados com os aviões, os barcos, os veleiros e os barcos de pesca” que chegam e que vão começar a chegar em maior número dentro em breve.

Mas uma vez mais, o grupo trabalha de forma antecipatória. Neste momento, já está criada e a funcionar o S-Alerta, uma ferramenta de detecção precoce e alerta em saúde pública criado pelo IASAÚDE, onde estão a ser introduzidos os dados todos das tabelas de excel criadas ao longo destes meses e onde constam os casos, os dados, a informação epidemiológica, os exames complementares de diagnóstico. Mas não só. “Fizemos uma experiência. As pessoas chegam ao aeroporto, descarregam a aplicação e em vez de estarmos a contactar para saber se tem febre, sintomas, etc, a própria pessoa introduz os dados na aplicação. E já fizemos esse ensaio com doentes entre o dia 1 a 4 de Maio, e está a funcionar!”, revela. “Aqui vamos seguindo as pessoas, é uma grande ajuda e vamos ter a informação toda aqui, permitindo depois gerar relatórios em formato pdf ou excel.

Desempenho “de 20 valores” não impede receio

Os bons resultados da Região nesta fase da pandemia estão à vista: 90 casos positivos, nenhuma morte, 59 recuperados, apenas 4 doentes estiveram hospitalizados (e não em simultâneo) e desses, só um precisou de ser ventilado durante poucos dias. “Este vírus destrói os sistemas de saúde porque são muitas pessoas ao mesmo tempo a precisar de cuidados intensivos”, refere Maurício Melim, sublinhando o caso da Madeira: “Nós conseguimos por o vírus à porta do hospital”.

Mas este desempenho “espectacular” não deixa as autoridades descansadas. Pelo contrário. O baixo número de casos positivos deixa a Madeira mais vulnerável numa segunda vaga da pandemia. O médico admite que, nessa segunda

fase, a Região poderá vir a ter mais casos de Covid-19, “até porque vamos estar mais vulneráveis porque nós não deixamos o vírus se expandir e a nossa imunidade está em desvantagem”.

Na Região, como não há transmissão comunitária, é preciso controlar os factores externos (movimento de pessoas por mar ou por ar) e isso é complicado mal haja um incremento da mobilidade.

Porém, a par e passo com a preocupação está a esperança. “Vai depender do comportamento das pessoas”, acrescenta Inna Subotina. E não só. O ideal para garantir que a Madeira continue a ter bons resultados seria mesmo o aparecimento de uma vacina, no máximo até ao final do ano, para ser administrada à população em Janeiro, Fevereiro e Março do próximo ano. “Tivemos um desempenho de 20 valores, mas isto é uma maratona e nós fizemos 250 metros. Não é importante dizermos agora que fomos muito bons, nós só vamos ver isto, só vamos ser avaliados no fim. Este é o primeiro teste de um longo percurso. Tenho muito receio do fim. A minha convicção é que correrá bem quanto mais depressa tivermos a vacina”, diz Maurício Melim. “Temos de continuar a fazer este trabalho e temos de ter cenários para o amanhã. Não interessa estar a correr se não chegarmos em 1.º lugar.”

TESTES SEROLÓGICOS AVANÇAM

Uma das responsabilidades deste Grupo de Coordenação Executiva da Autoridade de Saúde do Funchal é o de contactar os doentes já recuperados e começar a preparar a fase dos testes serológicos. O processo está na fase inicial e passa por programar a realização destes testes que, ao contrário dos testes de despiste, que se fazem com zaragatoas (recolha de amostras de produto nasal ou da garganta), estes implicam punção venosa ou seja, recolha de uma amostra de sangue.

Os 59 doentes já recuperados são residentes em vários concelhos (Porto Santo, Ponta do Sol, Funchal, Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Machico

e Santa Cruz) e as autoridades de saúde precisam de programar tudo por forma a definir o local e hora onde estas pessoas vão fazer a colheita de sangue necessária.

Maurício Melim explica que o objectivo dos testes serológicos é o de perceber como é que os nossos recuperados estão a se comportar em termos de imunoglobulinas (imunidade). Este é um aspecto no qual a Alemanha está já muito avançada, e tem passado certificados de imunidade aos doentes recuperados, mostrando como estão protegidos. Este é um dos próximos passos que a Região pretende dar.

Sobre os testes de diagnóstico à co-

vid-19, o médico é peremptório: “dizem que fazemos poucos testes, mas é mentira”. O laboratório do Hospital Dr. Nélio Mendonça começou por fazer 50 testes, depois aumentou a capacidade para 100 e 150 e agora perto de 300 testes por dia. Ao todo são já mais de 8 mil testes realizados, onde se incluem casos suspeitos e positivos (na Região continuam a ser necessários dois testes negativos para que um doente seja considerado recuperado), mas também outras situações. Por exemplo, nos lares de idosos já se fizeram cerca de 3 mil testes a utentes e funcionários. Felizmente, todos tiveram resultado negativo.

In “Diário de Notícias”

